



Julio Verne o illustre escriptor francez, chegou a Lisboa, jantou com David Corazzi e com outros convidados d'aquelle editor, entre elles este seu creado, e foi-se. Só andando com esta pressa, póde fazer viagens á lua no tempo que qualquer gasta em ir á Porcalhota comer coelho guisado. Que tanto elle, como seu irmão Paul, façam boa viagem aos antipodas em 1 hora e $\frac{3}{4}$ e que se voltarem a Lisboa se demorem mais um bocadinho para lhes mostrarmos o jardim da Europa á beira-mar plantado.

NO PAIZ DO SYNDICATO

Pela minha rua fóra vae, desmanteladamente, uma pequena procissão: um palho, alguns cidadãos de opa vermelha e uma turba de mulherio e alguns guardas municipais. Todó este nucleo representa o que ha de mais solido na christandade local, se exceptuarmos o sr. conde de Samodães. A este alarido religioso chama-se no Porto —o Senhor fóra, ou o Viatico. Com uma regularidade verdadeiramente assustadora, todos os dias sae na minha freguezia o Viatico para as irmãs da caridade. É cousa já sabida: quando se ouve tocar o sino, o mulherio diz logo: lá vae ás irmãs da caridade. É, pelos modos, um hospital dirigido pelas irmãs. Ora em verdade, não me quer parecer que todo este aparato, toda esta gritaria sejam extremamente confortaveis para o desgraçado enfermo.

Bem sabemos que para muitos e bons christãos a visita do Viatico feita na hora extrema deve ser de uma certa consolação heroica; mas na maioria dos casos, quando o instincto da vida sobreleva á alegria d'essa viagem metaphysica pelos mundos ignotos, o aparato, a gritaria do mulherio que se ouve á grande distancia, todos estes preparativos para a morte e que muitas vezes são a unica noticia que d'ella recebem os enfermos, sempre na esperança de reviverem, são terriveis crueldades que o fanatismo inflige ao desgraçado moribundo. Em Braga e n'outras localidades que a cidade invicta e baluarte da liberdade accusa de reaccionarias e rotineiras, já de ha muito que não se monta esta *mise-en-scène* da ultima hora. Nós, porém, vivemos aqui em plena região de phrases.

Se nos ouvissem, os estranhos julgariam o Porto como a cidade mais progressista e mais cordata do mundo; mas infelizmente todo o nosso progresso e toda a nossa vida social se limitam a vagas affirmações sem base, mascarando vergonhas e insanias. Sobre a questão clerical então somos de uma leviandade que assusta.

Os hospitaes das irmãs da caridade, estabelecimentos irregulares e illegaes, funcçãoam sem a vigilancia da auctoridade e sem a attenção dos cidadãos. Em todo o caso nós temos uma associação liberal que, pelos modos, foi organizada para zelar por estes serviços, e o coração de D. Pedro IV que não morreu de amores peia fradaria, ao que dizem os chronistas. Mas é tudo quanto possuímos de instituições liberaes: a associação e a viscera. No entanto, os hospitaes clandestinos vão atirando para a terra com o producto das suas drogas e das rezas a contento da estrumação do *humus*.

Terminou no Palacio de Crystal o bazar para o hospital de crianças, a que nos referimos em a nossa ultima chronica. Agora prepara-se alli uma exposição da Crèche de S. Vicente de Paulo. Tudo isto nos faz crer que o Palacio está destinado a ser um dia a roda dos expostos; não fazemos alusão aos bailes de mascaras.

Os bombeiros voluntarios do Porto fazem no dia 11 o seu beneficio. Veem á festa os membros do Real Gymnasio Club de Lisboa e varios cavalheiros da provincia. Applaudimos sinceramente aquella rapaziada que dorme atrapalhadamente as suas noites para saltar a socorrer as casas incendiadas. Hei de fallar da festa.

As folhas annunciam *Os Pomos d'Eva*. Mau! Sinto na garganta um pigarro, ai! que pigarro!

* *

O Porto assistiu ha dias a uma das scenas mais commoventes de que ha memoria, ou por outra de que não ha memoria, porque não ha cerebro no Porto que possa alcançar toda a amplitude d'este commovente drama.

Silva Pereira e Soares de Meirelles encontraram-se, abraçaram-se, choraram sobre o peito e sobre os collarinhos as lagrimas mais saudosas e ao mesmo tempo as mais gratas. Havia quasi um seculo que não se tinham visto os dois amigos. Elles são como o Ashaverus e a Herodiades da legenda de Sue que só se encontram de seculos a seculos, atravez do infinito das cidades. Silva Pereira fallou commovidamente da invasão de Soult; contara que lhe havia fallado ha dias e que se suspeitava se andava a tramar uma revolta militar no Porto para expulsar os inglezes que pretendiam ficar dominando em Portugal depois da partida do chorado D. João VI para o Brazil.

Soares de Meirelles acabara na opinião d'elle de assistir á inauguração do Real Theatro de S. João e contava as suas ultimas conquistas no theatro lyrico do Corpo da Guarda. Imagine o Bordallo se isto fez ou não sensação no Porto nos *habitués* do Botequim dos Macacos.

JOÃO BROA.



O MICROBIO



O dr. José Julio Rodrigues encantou no domingo o numerozo auditorio que se reuniu no salão da Trindade, fallando largamente e com o mais fino espirito da *vida e do microbio*. O illustrado conferente referiu-se só aos microbios que fazem as febres, e as epidemias, deixando talvez para outra conferencia os que fazem os emprestimos, as reformas do exercito, as salamancadas, os tratados do Zaire, as loterias do Palacio de Cristal, e outros males que affligem a humanidade do nosso paiz. Desde já offerecemos ao illustre professor os desenhos dos microbios ainda não descriptos que decerto quererá mostrar aos seus ouvintes em alguma nova conferencia.



THEATROS

Uma estreia é sempre um acontecimento agradável.

O burguez honesto que no primeiro domingo de maio passeia ao sol de S. Pedro d'Alcantara a sua farta andaina de *cheviot* claro, novinha em folha, estreada n'aquelle dia, caminha mais direito, tem mais nobresa no gesto, mais elegancia nos ademanos, é mais distincto nas saudações, mais conciso nas fallas.

Com a estreia da gentil actriz Fontony, o theatro da Trindade parecia em a noite da primeira representação do *Boccacio* o tal burguez da andaina de *cheviot*. Muito senhora de si, bem fallante, e, sobretudo, bem cantante, que foi o que mais nos surpreendeu.

O desempenho do *Boccacio* é um primor. A musica deliciosa e a letra engraçadissima, devendo-se esta ultima parte á veia delicada de Eduardo Garrido, que, sem alterar o movimento da peça, soube comtudo recheial-a da graça fina e innocentemente apimentada, que o original não tem, mettendo-lhe sal de sua casa.

Outro tanto não podemos dizer a respeito de alguns artistas, que, no artigo vestuario, metteram tambem obra de sua casa; temos a maior consideração pelo bom gosto d'esses artistas, mas não nos parece o melhor ensejo para *toilettes* phantasiosas uma peça cujos vestuarios representam uma época definida. Entrar no *Boccacio* de chapéo de plumas e botas á *Frederico*, afigura-se-nos um disparate semelhante a representar uma dama do tempo de Luiz xiii com cazeveque de *vindima vae ao baile*...

Os *Androides* estão chamando uma concorrência enorme ao theatro dos Recreios. Toda a gente quer ver a engraçada magica *Um rei que perde a cabeça*, como se o caso de vermos a cabeça d'um rei sobre os hombros do escudeiro, e vice-versa, fôra entre nós acontecimento para grandes espantos!



Áparte este pequeno incidente, os *androides* de Chaves & Comp.^a merecem effectivamente admirar-se como um dos trabalhos mais perfectos n'aquelle genero, que são.

Depois de os vermos trabalhar ficámos tão convencidos de que os *androides* eram pessoas vivas que até aconselhámos á empreza a conveniencia de não deixar de noite accommodados no mesmo caixote os artistas dos dois sexos, sob pena de ver em poucos dias augmentado o elenco da companhia.

De Leona Daré, que tem nos Recreios feito o intervallo dos *androides*, temos pouco que dizer: como artista, parece-nos uma grande mulher; como mulher, afigura-se-nos uma grande artista! Os trabalhos que nos



patenteia são muito superiores ás provas que nos mostra; o sarilho que faz com os olhos é muito superior ao sarilho com que faz andar aquelle desgraçado que segura com os dentes.

Ainda bem que é a Leona Daré que segura o homem, porque de contrario era muito provavel que elle a deixasse cair lá de cima, quando abrisse a bocca... para lamber os beiços...



THEATRO DE S. CARLOS

Céline Chaumont — *La Petite Marquise*



ADMIRAVEL!!!

PARAR É MORRER

(AO EX.^{mo} CHEFE DA JUVENIL PATRULHA DE VETERANOS)

Em tudo a acção é universal destino,
Até mesmo conforme alguns cadeixos:
Volve-se a terra sobre os proprios eixos,
Planeta ou sol, azenha ou carro ou sino.

Arrasta a pura limpha os alvos seixos,
Mortas folhas a briza em desatino,
Estua o sangue, agita-se o intestino,
Move-se a lingua e bem melhor os queixos.

Desejos vãos nos brotam sem findar,
Cogitam mentes n'um lidar absorto,
Dá-se á perna e não cessam mãos de obrar.

Obram sim, quer por mingoa ou por conforto,
E quando já *vocencia* não obrar,
Então será *vocencia* um homem morto!

CHARIVARI POLITICO

O CHÁ DO SR. MARQUEZ DE VALLADA



Luiz XIV (le roi soleil) — l'état c'est moi.
 Luiz I (o rei sol... e dó) — O estado sou eu e mais o
 meu compadre.



O DIABO CORRE COM A MANTA E DESCOBRE COMO CHOCALHO.

Na historia de todos os mezes de maio ha-de ficar perpetuado o de 1884, pelas muitas crias que deu a politica: — a Kermesse, a dictadura, o chá Vallada e o Caetano. Em todos os generos este mez foi extraordinario: — a Kermesse, uma obra boa; a dictadura, uma patifaria; o chá Vallada, uma soirée macha; e o Caetano um symbo da politica. Gloria á fecundidade do mez de maio, para todos os seculos presentes e futuros.



O sr. marquez de Vallada, por falta de accommodações para os seus convidados da politica, resolveu dar o chá no quartel do 7 de infantaria.

RAPHAEL BORDILLO PINHEIRO



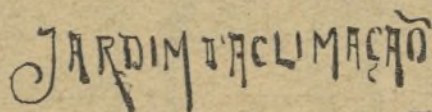
Temos aqui sobre a mesa o primeiro numero de *A Illustração*, a revista quinzenal para Portugal e Brazil, editada por Elysio Mendes, e de que é director Marianno Pina e principal agente David Corazzi. Estes tres nomes bastavam como caução da excellencia da obra, e vieram justificar o as deseseis paginas que acabamos de percorrer e que são um verdadeiro primor litterario e artistico, que vem rivalisar senão sobrepujar as mais bem cuidadas publicações estrangeiras n'este genero.



Ao lado da *Illustração* temos a *Estudantina*, numero unico de um jornal publicado pelos estudantes de medicina de Lisboa e cujo producto reverte em beneficio da caixa de soccorros dos estudantes pobres. Uma bella acção e uma publicação igualmente bella. Prosa magnifica, versos deliciosos, musica interessante e desenhos excellentes — excepto o nosso que, de ver-se em tão fina companhia se ficou de envergonhado com a cara a uma banda, apesar de haver saído direito das nossas mãos.



Uma terceira publicação devemos ainda commendar ao leitor. E' a segunda edição de *Atala*, de Chateaubriand, desenhos de Gustavo Duré e traducção de Guilherme Braga, que a acreditada empresa editora de obras clássicas e illustradas, do Porto, vae realizar em condições vantajossimas para o publico, com o que presta um alto serviço á litteratura e á arte.



O QUE CAUSOU MAIOR ESPANTO!!!

NA TAPADA

(APONTAMENTOS D'UM PROVINCIANO)

Sacudamos rapidamente as areias abrasadoras com que o simoun acaba de branquear a vitella dos nossos sapatos e descansemos um momento no delicioso oasis do Com-



mercio de Portugal. Dois dedos de cavaqueira collorida e outros dois de sercial pallido são o melhor dos récipes para restaurar forças perdidas. Sobretudo o sercial; que restaurador, bemditas almas! Tem um logar eterno em nosso coração e só nos pesa não lhe podermos dar outro no monumento do Passeio. Eis-nos promptos; ainda um copo de ginger-al, offerta do Gamicho, e toca para a revista.

Até o presente conheciamos apenas tres ou quatro generos de revistas: a Revista dos Dois Mundos, que fez as delicias da nossa infancia; as revistas do *Argus* e do *Jacobety*, onde apanhámos duas pansadas de riso; a revista de 24 de julho, onde apanhámos uma soalheira de mil diabos; e ainda outra, de que não estamos bem lembrados, mas a cuja ideia anda congruentemente ligado o facto de termos tambem apanhado o que quer que fosse que nos fez passar as passas — do Algarve.

Vamos á revista.

Os bois: — Famosos exemplares de generaes de brigada; a mesma corpolencia, o mesmo andar pezado, mas muito mais bem armados, diga-se a verdade.

Os cavallos: — Sumptuoso estado-maior; lusidios, aceiações, e bellos penachos ondolantes ao sabor da brisa; é pena que tragam o penacho voltado para a nuca.

Os carneiros: — Um parlamento completo; cada um d'elles com meia arroba de batatas dá um deputado da maioria.

As ovelhas: — Os animaesinhos que mais deram no goto do sr. Fontes; quando desfilavam pareceu-nos ouvir s. ex.^a murmurar por entre um suspiro: — *Ovelhas!*... Depois é que nos explicaram que o grande homem dissera apenas: — *Oh! velhas!*...

Os bodes: — Bellos typos de sargentos; olhar conquistador e pera façanhuda. O de Carnaxide, sobretudo, exposto pelo sr. Thomaz Ribeiro, fez lamber os beiços a mais de meia duzia de amas seccas.

Os chibatos: — Simples praças de pret, mas que não esquecem a sentença de que todo o soldado raso leva na patrona... a pera de general.

Os porcos: — Ambulancias e boticas. Um caricaturista vimos nós a namorar-lhe os toicinhos para o tratamento d'uma erupção cutanea...

Entrava no nosso programma a designação dos nomes dos que mais concorreram para o bom exito da exposição, mas fazemos ao nosso programma o mesmo que o partido progressista em tempo fez ao seu, visto que toda a gente nos declara ter concorrido.

Este, porque deu voltas á massa encephalica na collocação artistica d'um rotulo de garrafa; est'outro, porque se viu grego a desencaixotar kilo e meio de massa de cus-cus; aquelle, porque lhe suaram os toitiços a rolar um frasco de massa de tomates; aquell'outro por que viu Braga por um canudo a estender massa de vidraceiro n'um caixilho da vidraça; todos, emfim, por seu turno, *estendem a massa* dos serviços prestados, de fórma que chegámos a convencer-nos de que a exposição agricola é obra de toda a gente, incluindo o proprio Adão e a sua cara metade,

Sem o concurso dos quaes
— Dando a serpente uma ajuda —
Não havia a exposição
Que ha na Tapada da dita...

Na galeria da exposição, um entusiasta: — Explendida festa! Por aqui se infere o que valem o progresso e a liberdade dos povos!

Um descrente: — Não está má liberdade, não senhor! Até parece que já recebeu a sancção das camaras aquella petição que solicita o restabelecimento das ordens religiosas. Ando aqui ha mais de uma hora a metter o nariz em odos os frascos e ainda não fiz senão dar de cara com feijões... *frades!*

Um curioso:

— Quem será o expositor
Das formosas
Mariposas
De tão varia e linda côr
Que este quadro dentro abriga
Com cravetes
De alfinetes
Espetados na barriga?

Um membro da comissão:

— Este quadro sem igual
Foi composto
E é exposto
P'lo commissario geral;
Arranjal-o conseguiu
Co'as Violetas
Borboletas
Apanhadas no Rocio...

PAN.



ÁS MÃOS AMBAS

Foi assim que Guiomar Torrezão, a corista gorda do panno de fundo das letras, nos zurziu nas *Matinées espagnoles*. Foi tambem ás mãos ambas que a dita Guiomar, vestida com as cuecas de Gabriel Claudio, nos tosou no *Diario Illustrado*, reproduzindo as suas biscoas das *Matinées*, apenas com a mudança de assignatura. Por aqui verão os nossos leitores que Guiomar Torrezão Gabriel Claudio nos zurziu a quatro mãos, ou peor ainda se se considerar a dureza da correcção que nos applicou.



Conforme diz o illustre escriptor macho-femea o novo codigo penal foi um mimo da providencia, para castigar a satira e a caricatura, que em Portugal descera até á *ordure*. Aquella *ordure* da caricatura, é comnosco, não ha duvida. O sermos os unicos que fazemos caricaturas, tem tambem os inconvenientes de não haver outro a quem sirva a carapuça talhada por Guiomar Claudio.

Ordure, immundicie, porcaria, exterqueira, é a unica coisa que Guiomar Claudio cheirou nas nossas caricaturas. Que olfacto tão delicado, que nariz tão bem talhado para furão! Mas quem lhe mandou cheirar nos nossos desenhos, se nós não vamos cheirar nos seus escriptos?

Affaste o nariz d'este caneiro e regale-o com os aromas que rescendem de um conto que Guiomar Claudio publicou em o brinde do *Diario de Noticias*, capaz de fazer córar um tambor-mór; dê-lhe as perfumadas essencias dos livros de Zola, e de mademoiselle Giraud, porque isso é que resce de a nardo e myrra, tanto na phantasia de Belot como nas realidades da vida.

Purifique o seu nariz, illustre escriptor hermaphroditia; metta-o n'uma bacia e lave-o bem com agua phenica, para o desinfectar da *ordure* das nossas caricaturas, e depois resguarde-o com uma flanela quando estiver traduzindo ou originalizando as producções litterarias que com os seus dois nomes apparecem nos jornaes.



BOA VIAGEM

A BORDALLO PINHEIRO

Feliz de ti meu Bordallo
Que sem ter mal que te affronte
Vaes p'ra o Bom Jesus Monte
Passar os dias na berra,
P'ra o Monte vendo-te em marcha
Minha inveja não disfarço,
Pois que o maldito camarço
Tambem me fez ir á serra!

Eu fico — em quanto tu gozas
Essa agradável viagem —
A tomar chá de borragem
E xarope de alcaçuz;
Eu fico — em quanto tu vaes
Em passeio alegre e vario —
A's ordens do boticario
— Um judeu do Bom Jesus!

Tu vaes ver Braga de perto,
Tirar formosos croquis...
Feliz de ti, bem feliz!
— Que sempre o sejas, em tudo...
Eu posso apenas na cama,
Da doença entre os abysmos,
Coberto de sinapismos
Ver Braga... por um canudo...

PAN.

THEATRO DA TRINDADE



Boa escolha foi a do Boccacio para o mez de maio! E talvez por causa do Boccacio que as noites tem estado frescas. Até as vozes refrescaram e por isso Anna Pereira parece que está nos seus 15 annos, e Fantony, uma franceza que esteve ha muito tempo no Brazil, canta como um sabiá das florestas do novo mundo. Até o Leoni canta, como um Fancelli, e está dito tudo. Este Boccacio, que não consta que seja grande amigo para o inverno, é opera para todo o verão.